

CULTURA, CONTROLE E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO
CULTURE, CONTROL AND DIGITAL TECHNOLOGIES IN EDUCATION

Valdirene Hessler Bredow¹
Maristani Polidori Zamperetti²

Recebido em: 25/03/2021

Aceito em: 17/04/2021

Resumo: O objetivo do presente trabalho busca apresentar a diversidade do termo cultura a partir da pesquisa bibliográfica constante no programa da disciplina cursada no Mestrado em Educação, com base em autores como, Foucault (2004), Laraia (2001), Lévy (1999), Sibilia (2002; 2012), entre outros, com reflexões sobre mídias, culturas, processos de aprendizagens e tecnologias digitais, constantes em tese de doutorado em andamento. O texto apresenta os diversos conceitos de cultura, assim como também discute a forma com que a cultura de massa dita padrões sociais e de consumo. Na educação, o trabalho docente é manipulado pelas políticas neoliberais, além de transformar a escola em um dispositivo vigiado. Neste contexto tão diversificado do conceito e dos diferentes tipos, nos quais a cultura pode se estabelecer e se configurar com diferentes olhares, entra-se no contexto de diversidade cultural. A escola sistematiza o processo de escolarização, influenciando na constituição dos modos de ser, agir e pensar dos sujeitos que nela circulam e, dependendo de como a forma de ensino for sistematizada e conduzida, a mesma influenciará no modelo de aluno que quer formar. E, assim a escola de hoje acaba se tornando um ambiente entediante para os estudantes do mundo hiperconectado, pois a presença dos aparatos digitais e tecnológicos que fazem parte da cultura dos jovens estudantes têm sido negligenciadas nas metodologias de ensino (por diversos motivos), tornando a escola, um ambiente distante do mundo hipercultural.

Palavras-chave: Cibercultura; Controle; Cultura; Educação; Tecnologias Digitais.

Abstract: The objective of this work seeks to present the diversity of the term culture from the constant bibliographic research in the course program of the Master in Education course, based on authors such as Foucault (2004), Laraia (2001), Lévy (1999), Sibilia (2002; 2012), among others, with reflections on media, cultures, learning processes and digital technologies, contained in an ongoing doctoral thesis. The text presents the different concepts of culture, as well as discusses the way in which mass culture dictates social and consumption patterns. In education, teaching work is manipulated by neoliberal policies, in addition to transforming the school into a supervised device. In this very diverse context of the concept and the different types, in which culture can be established and configured with different perspectives, one enters into the context of cultural diversity. The school systematizes the schooling process, influencing the constitution of the ways of being, acting and thinking of the subjects that circulate in it and, depending on how the form of teaching is systematized and conducted, it will influence the model of the student it wants to train. And so today's school ends up becoming a boring environment for students in the hyperconnected world, as the presence of digital and technological devices that are part of the culture of young students have been neglected in teaching methodologies (for various reasons), making the school, an environment far from the hypercultural world.

Keywords: Cyberculture; Control; Culture; Education; Digital Technologies..

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação. Pesquisa sobre Tecnologias Digitais na Educação. E-mail: valhessler@gmail.com

²Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de Pelotas (Faculdade de Educação/Centro de Artes). Pesquisa sobre Tecnologias, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais. E-mail: maristaniz@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A estruturação deste trabalho se deu a partir das construções, discussões e subjetividades de uma disciplina cursada no Mestrado em Educação, com reflexões sobre mídias, culturas, processos de aprendizagens e tecnologias digitais, constantes em tese de doutorado em andamento.

Assim, partiram diferentes olhares sobre a noção de cultura na sociedade contemporânea, assim como também sobre a influencia da mídia e do capitalismo na educação, formando dispositivos de controle sobre os processos educacionais e do tipo de sujeito que a escola precisa formar.

O texto parte da observação sobre as diferentes culturas, ensinamentos e laços familiares que se interligam através do uso das mídias digitais, e assim tem como objetivo, apresentar a diversidade do termo cultura a partir da pesquisa bibliográfica constante no programa da disciplina cursada.

Ao apresentar os diversos conceitos de cultura, o artigo busca discutir a forma com que a cultura de massa dita padrões sociais e de consumo. Na educação, o trabalho docente é manipulado pelas políticas neoliberais, além de transformar a escola em um dispositivo vigiado.

A pesquisa bibliográfica para este artigo utilizou os referenciais de Ball (2014), Chauí (1995), Foucault (2044), Laraia (2001), Lévy (1999), Rüdiger (2008; 2013), Serroy e Lipovetsky (2011), Sibilia (2002; 2012), entre outros.

Por fim, são tecidas as considerações finais, que trazem uma visão geral do que foi exposto da bibliografia consultada, destacando que a escola apesar de produzir sujeitos prontos, ainda necessita se adaptar à forma digital utilizada pela cultura juvenil.

CULTURA DIVERSIDADE DE OLHATES

Não há uma definição única para o termo cultura, pois ao longo do tempo, diferentes conceitos, olhares e formas de pensa-la deram a noção de diversidade, chegando então ao fato de que cultura, é tudo que permeia nossa vida em sociedade.

Neste contexto tão diversificado do conceito e dos diferentes tipos, nos quais a cultura pode se estabelecer e se configurar com diferentes olhares, entra-se no contexto de diversidade cultural.

Laraia (2001) destaca que a cultura é uma lente da qual o homem pode classificar, ver, opinar o mundo, que homens de culturas diferentes, usam lentes diversas, tem visões desencontradas das coisas. Neste sentido, surgem então os termos de etnocentrismo e de relativismo cultural. No primeiro, o grupo étnico ou a cultura é o centro de tudo, podendo esta questão ser um fator conflituoso socialmente. No segundo, o objetivo é entender as diferenças culturais e estudar o porquê das diferenças entre culturas distintas. Enquanto o etnocentrismo tem uma vertente de confronto, o relativismo aborda as diferenças de uma forma de entendimento. Os valores, princípios morais, o certo e o errado, o bem e o mal, são convenções sociais intrínsecas a cada cultura. Um ato considerado errado em uma cultura não significa que também seja incorreto quando praticado por povos de culturas diferentes.

Assim, a cultura pode configurar-se como uma identidade própria de um grupo de indivíduos, podendo ter a interferência dos meios de comunicação, da indústria cultural, das tecnologias digitais e das mais distintas formas de comunicação oral e impressa.

No final do século XVIII e no início do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Em 1871, Tylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, podendo ser “objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução” (LARAIA, 2001, p. 30).

Segundo Oliveira e Costa (2007), nos primórdios da humanidade, uma das concepções acerca do conceito de cultura estava relacionado com a educação, no sentido intrínseco da aquisição cultural ser proporcionada pela educação. Desta forma, uma pessoa com alto nível acadêmico era uma pessoa com cultura.

Com o passar dos tempos sobre esse conceito foi incidindo outras formas de expressão, como a produção humana, sua relação com o meio, suas manifestações artísticas, assim como outras interpretações da realidade social.

Segundo Chauí (1995), cultura vem do latim *colere*, que significa criar, tomar conta, cuidar, ou seja, o cuidado que o homem tem com a natureza. Sodré (1988) afirma que cultura é tudo o que tem significado para os homens e os orienta em sua relação com a sua realidade,

ou seja, estar no mundo e produzir símbolos e significados para a relação com os homens e com a natureza.

A partir do século XIX, o conceito de cultura passou a significar tudo aquilo que o homem produz nas relações com os outros homens, ou seja, linguagem, símbolos, comportamentos, atitudes, valores, crenças, obras de arte, enfim, tudo aquilo que, a partir da existência humana, tem um significado (OLIVEIRA; COSTA, 2007).

Neste mesmo período, com a predominância das regras do mercado capitalista, a cultura e a mídia foram submetidas à ideologia da indústria cultural, ou seja, os produtos de criação da cultura humana, como as artes, acabaram sendo submetidos ao pensamento baseado no consumo.

As obras de arte se transformaram em meras mercadorias, produtos de consumo, onde a maioria dos bens artísticos não são criados para a contemplação, para a busca do belo, e, sim, para a obtenção de lucros. [...] A indústria cultural massifica a cultura e as artes para o consumo rápido no mercado da moda e da mídia (OLIVEIRA E COSTA, 2007, p. 157).

Assim, pode-se compreender que o termo cultura possui diferentes faces e que a mesma encontra-se ligada, na sociedade contemporânea, ao mercado das mídias, da indústria cultural e, conseqüentemente dos meios de comunicação de massa, constituindo-se então em diferentes expressões, sujeitos, valores e práticas.

Esta intervenção da mídia nos processos culturais vai intervir na forma com que as pessoas se comunicam, se vestem ou até mesmo nos padrões de beleza e comportamento.

Serroy e Lipovetsky (2011) destaca esta questão da indústria cultural ao referir-se à cultura de massa, que, é toda e qualquer manifestação de atividades ditas populares na qual tudo é produzido para as massas e veiculado pelos meios de comunicação em massa, sendo a mudança de hábitos culturais adquiridos com o surgimento da industrialização, como um produto de uma influência da mídia e da indústria cultural.

Assim, segundo Bosi (2008, p. 95), “A cultura de massa, diferentemente do folclore, não tem raízes na vivência cotidiana do homem da rua, ela produz moda”. Nessa linha crítica em relação à cultura de massa, Serroy e Lipovetsky (2011) destaca a ligação da indústria cultural com a moda:

[...] no centro destas, como produção maciça de produtos não duráveis e prontos para o consumo apenas para divertimento, encontram-se "o transitório, o fugidio, o contingente" (Baudelaire), característicos da moda. A lógica da moda e sua velocidade de renovação, a sedução fácil e a busca do sucesso imediato, é que estão na base do funcionamento da cultura de massa (SERROY; LIPOVETSKY, 2011, p. 72).

Nesta lógica de influência, observa-se o quanto a sociedade contemporânea tem mudado no decorrer do tempo, campanhas de aceitação sobre o corpo, por exemplo, tem sido grandes, pois sempre existiu um mercado que primasse um tipo de corpo, ou seja, o corpo magro.

Porém, esta metamorfose de olhares não se dá de forma rápida, sendo que o mais condizente é formar uma cultura de respeito ao outro.

A cultura de massas tenta transformar a realidade e visão social até mesmo das crianças, pois se influenciam pela mídia construindo suas identidades a partir dos desenhos, brinquedos, filmes, revistas, livros... enfim... tudo o que faz parte do universo infantil ou o que é incorporado em nome deste.

Desta maneira, o que deveria ser lúdico, acaba sendo influenciado pelas mídias, por meio dos apelos veiculados pelos meios de comunicação em massa. Segundo Diniz (2015) percebe-se o quanto a mídia influencia na cultura infantil, pelo fato de que os filmes são repletos de cores e sons, histórias que mostram um mundo perfeito e um mundo de felicidade e que muitas vezes essa não condiz com a realidade, utilizando o exemplo da boneca Barbie, sonho de consumo das meninas, pois a mesma jamais envelhece, usa apenas roupas de cores rosa e se evidencia um corpo magro, cabelos loiros, olhos azuis e pele branca, o que mostra um ideal da sociedade influenciando de forma negativa as crianças.

Os artefatos audiovisuais, em especial os filmes produzidos para as crianças, têm sido notadamente utilizados para a massificação de ideias e pensamentos difusores de uma promessa de felicidade. O que muitas vezes se propaga nas produções midiáticas para as crianças é a associação do ideal de ser feliz ao de consumir. A Barbie é um personagem que nunca envelhece. Além do mais, está sempre em forma, muito bem vestida e maquiada. Enfim, tem uma vida movimentada, luxuosa e repleta de regalias. Nos filmes analisados, tivemos a oportunidade de constatar como essa felicidade idealizada está presente no cotidiano das protagonistas (DINIZ, 2018, p. 16).

Vale então salientar que, todos são diferentes e possuem suas características étnicas, iniciando assim um processo que vai influenciar na educação de crianças, pois, muitas não se sentem representadas pela cultura de massa.

Desta forma, a escola, uma das maiores formas de socialização, após o meio familiar, pode trabalhar de forma a desconstruir esta visão, em sala de aula tudo o que de positivo e negativo tem a mídia.

Demonstrar que o corpo perfeito não significa ser o magro como o da Barbie e a cor rosa não significa ser apenas das meninas, é uma forma de alertar nossos alunos de aspectos que podem ser mudados na sociedade, contribuindo então para comportamentos de auto e aceitação com o outro, principalmente no que tange aos telespectadores infantis.

Com isso uma das missões da educação é a de demonstrar que esses modelos do ideal perfeito que, muitas vezes são mostrados na mídia, não podem ser vistos como uma realidade a seguir de exemplo.

Sendo assim, compreende-se que a formação das crianças, enquanto sujeitos, encontra-se abarcada pelas influências midiáticas, imagéticas e demais apelos que a cultura de massa presente na cultura mundo contribui para a formação da diversidade cultural, que vem a ser uma característica da sociedade contemporânea.

Ainda na linha que Serroy e Lipovetsky (2011, p. 72-73) traçam em relação à cultura de massa, os autores salientam que a mesma é alienante e manipuladora, surgindo como uma verdadeira ameaça sobre o real espírito e a verdadeira cultura, assim, não merece o nome a ela aplicada, sendo então uma anticultura. Pois, a cultura estabelecida tem como objetivo, educar o homem, elevar o gênero humano e moldá-lo da maneira mais correta, demonstrando assim, que a cultura de massa, está radicalmente contra esse ideal de aperfeiçoamento humano.

Paralelamente com os modismos que a cultura de massa tem por finalidade estabelecer, mudando até mesmo paradigmas e modos de comportamento, a sociedade contemporânea traz uma nova forma de interação, informação e comunicação, emergindo assim, outro termo de cultura, a cultura da *Internet* ou a cibercultura.

O termo Cibercultura surge a partir da interconexão que a internet pode proporcionar a qualquer um a possibilidade de acesso a qualquer lugar, é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvam juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY 1999, p. 17). E ainda,

A Cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa (LÉVY, 1999, p. 127).

A Cibercultura nasce nos anos de 1950 com a informática e a cibernética, tornando-se popular em 1970, com o surgimento do microcomputador e se estabelece completamente nas décadas de 80 com a informática de massa e em 90 com as redes telemáticas e a explosão da *Internet*, caracterizando-se assim como uma nova condição sociocultural e nova relação espaço temporal (LEMOS, 2013).

Com o surgimento e o uso da tecnologia e a formação de grupos que utilizam a informática para se comunicarem, eclode através da sociedade contemporânea uma abertura ampla de informações por meio da *Internet*, caracterizando a cultura contemporânea, sistematizada por este universo digitalizado e muitas vezes, apenas virtual.

Segundo Lévy (1999, p. 32) neste quadro de transformações e pela crescente utilização das tecnologias digitais, surge uma infraestrutura chamada ciberespaço, configurando um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. O autor considera que, os jovens estudantes têm influenciado o ambiente escolar com estas formas de interação e comunicação através da internet, inserindo uma cultura que lhes é peculiar, sendo então necessário adaptações, pois o ciberespaço, é um novo universo de informações e conhecimento.

Influenciada pela cultura das massas, a cibercultura também possui um conjunto de condições materiais, políticas e sociais, que insere o poder de compra dos sujeitos, a produção de equipamentos tecnológicos, controle e vantagem econômica e de um processo de exploração da informática pela sociedade capitalista (RÜDIGER, 2008; 2013).

Este novo tipo de cultura, surge pelo uso crescente das tecnologias digitais que criam uma relação entre a vida social e o mundo virtual, proporcionando assim, um ambiente constituído de práticas específicas e dentro deste conceito está o fato de que esta nova cultura se configura como um novo padrão de desenvolvimento dentro da sociedade, seja nas questões sociais, políticas, empresariais ou financeiras.

Outro olhar para o conceito de cultura, é o utilizado por Serroy e Lipovetsky (2011) que destacando que atualmente, a cultura tornou-se uma cultura mundo, a do tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais.

Assim, a variedade de linguagens, religiões, danças, modos de vestir e demais tradições e folclores compõem em nossa sociedade essa diversidade cultural, sendo assim, a cultura-mundo, com interligações possibilitadas pelas tecnologias do mundo virtual, que nos fazem ter acesso a mundos diferentes, a viagens por vários lugares, sem mesmo sairmos do espaço geográfico no qual estamos.

Assim, por meio desta amplitude, diferentes culturas que podem constituir um sujeito, que, no ambiente escolar irá compartilhar seus hábitos neste ambiente, fazendo da escola um espaço multicultural, pois segundo Oliveira (2003, p.296): “a escola é um espaço de cruzamento de culturas”.

Entretanto, a sociedade capitalista, e mais ainda, a globalizada e neoliberal, ao estimular o uso destas tecnologias, deste mundo digital, influencia com controle e poder nos processos educacionais, buscando fazer da escola, não um ambiente de formação teórica, crítica e de saberes técnicos, mas sim, um espaço que irá ser o resultado de momentos políticos e moldagem de sujeitos.

CULTURA DE CONTROLE E PODER NA ESCOLA

A escola sistematiza o processo de escolarização, influenciando na constituição dos modos de ser, agir e pensar dos sujeitos que nela circulam e, dependendo de como a forma de ensino for sistematizada, a mesma influenciará no modelo de aluno que quer formar.

Como exemplo disto Foucault (2014) destaca o caráter disciplinador que a escola utiliza através de um tipo de “pedagogia do poder” dentro da sociedade, estabelecendo relações com as instituições atuais como as empresas privadas, hospitais, escolas e até mesmo as prisões, tendo sempre como papel central o poder que está e vem de toda parte

As práticas de poder também chamadas de práticas disciplinares, usam o corpo do homem como sendo algo capaz de ser transformado, controlado e manipulado através do poder e da disciplina.

Observa-se, no atual contexto político, estas influencias de utilização de poder para formar apenas cidadão moldados para o mercado de trabalho capitalista, desta forma, Ball

(2014, p. 67) destaca que “o sujeito neoliberal é mais maleável do que comprometido, mais flexível do que preso a princípios – essencialmente sem profundidade”.

No contexto dos governos neoliberais, as ingerências que a educação sofre, com as reformas e planos de trabalho, nada mais buscam que sujeitos hábeis e moldáveis ao mundo do trabalho, buscando um produto a ser formado nas escolas, ou seja, corpos dóceis.

A partir desta docilidade, Foucault (2014) destaca o controle sobre o homem civil, que surge a partir da articulação corpo – objeto, na qual o homem é manipulado como se fosse uma máquina em que o ser humano precisa produzir sozinho ou em grupo, algo, independente de suas necessidades, o que acaba desqualificando a figura que é, um humano.

Na atual sociedade capitalista, o ser humano perde sua essência biológica por se transformar em uma fonte de informações, ou seja, “o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando obsoleto” (SIBILIA, 2002, p. 13).

Neste ambiente em mutação, a sociedade é reprogramada como um sistema e, a escola também parece estar obsoleta, pois não acompanha esta conexão em redes, e a tecnologia da informação e comunicação, por meio da cultura de massa, mostra como as pessoas devem se comportar, vestir, usar os cortes de cabelo, comer e beber - a mídia manipula todas as esferas sociais.

Também quanto aos moldes da escola, Sibilia (2012) tem um olhar centrado nos meios de comunicação e nos dispositivos tecnológicos e informáticos, como os celulares e os computadores pessoais, realizando também uma análise do ambiente escolar, sobretudo as ocidentais, descrevendo a escola como um dispositivo, uma tecnologia, e um artefato destinado a produzir saberes. A autora destaca o tecnicismo e o surgimento da sociedade disciplinar, que na esfera educacional se pauta pela promoção dos corpos dóceis dos estudantes como método para que estes se tornem no porvir cidadãos úteis aos desígnios do Estado, perpetuando assim esse sistema coercitivo.

Assim, a relação entre disciplina e poder está diretamente ligada a todas as formas de relações sociais, Foucault (2014) demonstra que o exercício do poder, da vigilância e do controle tem como objetivo tornar o homem útil e dócil. Através do estudo das instituições disciplinares, e das relações de poder ainda mais sutis e difusas, o que desta forma pode nos dar uma compreensão da natureza de nossa sociedade, que sempre esteve sob essa relação de mando e obediência.

A partir disto, Sibilia (2012) também destaca a escola como uma instituição disciplinadora, mas sob um olhar a partir da sociedade contemporânea, em que se torna visível a forma conservadora em que a escola ainda trabalha, não usando os meios tecnológicos para despertar o olhar crítico de seus educandos, mas sim formar corpos que devem se moldar às formas do mundo capitalista.

Resultando então em um contexto escolar, no qual o comercialismo capitalista transforma o estudante em cliente e/ou consumidor, estabelecendo uma relação puramente monetária entre os alunos e as instituições de ensino; os professores, para que possam sobreviver nessa ditadura mercadológica, se encontram na necessidade de adequarem seus métodos, discursos e avaliações aos ditames dos alunos-clientes.

Por outro lado, não se deve deixar de analisar, que na escola há elementos culturais, ideológicos, crenças e expectativas, vinculadas aos sujeitos e aos grupos presentes no cotidiano da escola, que podem tanto fortalecer, consolidar, como expressar resistências aos processos que nela se desenvolvem, por isso, o papel crítico que o docente deve instigar, apesar da pressão dos governos que servem ao mercado capitalista.

Mesmo sendo ainda vista como um ambiente “curricular conteudista”, a escola é formadora de subjetividades de cada sujeito que nela circula, pois neste espaço há vidas, movimentos, hibridações, ações cotidianas de aprendizagem que não se restringem ao espaço físico da escola; tais ações que impulsionam a escola para além de seus muros.

O corpo bem disciplinado é um corpo útil e produtivo. A sociedade segue normas, alinhamentos que permitem a correção de fluxo caso seja necessário. Nesta conjuntura, surge que questão que Sibilia (2012) coloca sobre as redes sociais dentro da cibersociedade, enfatizando que as redes se relacionam à sociedade da globalização e da internet, enquanto as paredes fazem referência à sociedade da era industrial, em que o confinamento possibilitado pelas paredes era imprescindível à educação e ao treinamento de cidadãos e trabalhadores úteis ao desenvolvimento econômico capitalista.

A partir de então, o corpo torna-se o instrumento de técnicas e mecanismos minuciosos que desejam docilizá-lo; fazendo com que as pessoas se tornem mais úteis e obedientes. Constituindo desta forma, um modo de investimento político e detalhado do corpo, ou seja, uma nova microfísica do poder (FOUCAULT, 2014).

Com estas situações, as técnicas de enquadramentos disciplinares ainda permanecem nas escolas do século XXI, por meio da obediência de um sinal de entrada, dos espaços de intervalos, normas e regras de convivência que são importantes para a construção de um currículo, muitas vezes ultrapassado e chato para os estudantes que vivem na sociedade da cibercultura.

Outro ponto destacado é a espetacularização da consciência, que exige uma veloz rapidez dos professores para elaborar técnicas que surpreendam e concorram com os aparelhos tecnológicos pela atenção dos alunos nos momentos de aula.

O professor se transforma em um sujeito que precisa animar uma platéia para um público estudantil que de certa forma se aliena a dispositivos móveis, conectados à internet e que parecem mais fazer parte de seus corpos.

Por esse motivo a espetacularização das relações sociais é um poderoso instrumento capitalista, pois educa o jovem a disciplinar sua mente agitada aos signos mercadológicos, que exigem pouca reflexão e muita submissão aos ditames da vida convertida em experiência de consumo e dedicação a um modelo existencial que perpetua essa terrível alienação.

Sibilia (2012) destaca que existe um mal-estar cultural que necessita ser curado pela manutenção do progresso humano na vida civilizada. Pois os apelos dos meios de comunicação de massa buscam somente os consumidores, e no caso, o jovem da era contemporânea, que de certa forma é alvo da industrial cultural, poderia mudar isto, porém, é praticamente impossível nos tempos de massificação vigente.

E, é assim que a escola da sociedade contemporânea acaba “vestindo roupas” que já não lhe cabem mais, tornando-se um ambiente muitas vezes, entediante para os estudantes do mundo hiperconectado, pois, os aparatos digitais e tecnológicos se tornaram parte da cultura dos jovens estudantes, ficando cada vez mais difícil desconectá-los deste mundo hipercultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos diferentes olhares, culturas, modos de aprendizagem de cada uma das hibridações que constituem a sociedade, considera-se que o entendimento de mundo, conhecimentos e educação podem ser construídos primeiramente a partir da cultura familiar, porém, as relações sociais e afetivas nos modificam cotidianamente, alterando nossa

subjetividade como sujeitos híbridos e com corpos compartilhados a partir de outros modos de ser e viver no mundo.

Esse processo instiga nossa subjetividade para além da escola, além dos muros e das paredes da escola, onde o mundo hiperconectado possui corpos e subjetividades diferentes a cada século.

Em relação à cultura-mundo, no que se pode destacar em relação à sua concepção e entendimento, torna-se importante salientar que os modos de ser e viver no mundo hiperconectado se configura a partir de novos paradigmas e com perspectivas puramente imagéticas e, de certa forma alienadas e coisificadas pela indústria cultural, a *homogeneização* das culturas, isto é, a padronização dos modos de ser e agir dos indivíduos com base nesta referência dominante, os meios de comunicação em massa, sucumbem os valores locais e tradicionais.

Vivenciar na prática a relevância da valorização do aprender com o outro forma o ser humano. Porém, a escola que se considera moderna, nada mais é que um mecanismo de vigilância e modelação para o mercado de trabalho da sociedade contemporânea, que busca pessoas qualificadas e moldadas ao modelo mercadológico e capitalista, apesar de todos os recursos advindos da microtecnologia e da robótica, muitas vezes não valorizando os saberes individuais e não institucionalizados nela.

A escola precisa, mesmo que seja a médio ou longo prazo, adaptar-se a estas subjetividades que as tecnologias digitais proporcionam, entendendo que a cultura dos jovens estudantes está calcada no uso da comunicação rizomática proporcionada pela comunicação mediada por computadores, dispositivos móveis ou qualquer outro meio digital de comunicação.

As instituições de ensino precisam “reformular-se”, derrubando as paredes e dando lugar às redes, pois estas proporcionam um imenso campo de informações, sendo a “nova roupa” que pode começar a vestir.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. **Educação Global SA: novas redes políticas e o imaginário neoliberal**. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

DINIZ, Kênia Mendonça. **O que a Barbie ensina para as crianças ?**. Florianópolis: UFSC, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social contemporânea**. 6. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora, v. 34, n. 3, 1999.

OLIVEIRA, Lindamir Cardoso Vieira. Cultura escolar: revisando conceitos. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-Periódico científico editado pela ANPAE**, v.19, n.2, jul/dez. 2003.

OLIVEIRA, LUIZ Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. **Sociologia para jovens do século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e Criticismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SERROY, Jean; LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.